

A APRENDIZAGEM é uma operação triangular que cada um tece, à sua maneira, em função do património a que acede.

A primeira separação que é imperioso fazer-se, sob pena de estarmos a confundir aspetos de enorme importância e, como consequência, a esbanjar um campo de análise precioso, é que APRENDIZAGEM e ESCOLA são coisas distintas.

Confundir uma com a outra é como confundir um copo com a água com que o podemos encher.

As pessoas, a partir do momento em que começam a interagir com o ambiente, a partir do momento em que iniciam vida..., começam a aprender.

APRENDER é juntar, conectar, ligar...acedendo a patamares diferentes de vida !

E essa função de ligação, conexão, começa com as coisas que nos rodeiam a partir dos processos mais simples, servidos pelos nossos periféricos:

- OS ÓRGÃOS DOS SENTIDOS !

À medida que as nossas estruturas se vão desenvolvendo, nomeadamente as cerebrais, as ligações que fazemos vão ganhando maior sofisticação, numa caminhada para a abstração.

Contudo, há um conjunto de etapas, como se fossem as classificativas de um rali, às quais não podemos escapar e que é fundamental dar atenção se nos quisermos preocupar com as questões da APRENDIZAGEM.

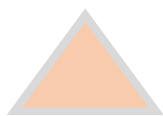
Refiro-me às amarras de que nos servimos, como pontos de referência:

- i. o que percecionamos;
- ii. o que fazemos, mexemos;
- iii. o que guardamos como património adquirido;
- iv. o que percebemos (percecionamos e conferimos sentido).

É justamente a partir daquilo que surge a triangulação, presente em cada um de nós. O que varia é a dimensão dos catetos e a firmeza das ligações entre eles.

Basicamente podemos dizer que cada pessoa, em qualquer momento da sua vida, pode contar com três tipos de depósito pessoal:

- ☛ o que já fazemos (competência);
- ☛ o que sabemos que sabemos fazer (experiência);
- ☛ o que somos capazes de explicar (conhecimento).



Num processo de APRENDIZAGEM estruturada há que contar, sempre, com três elementos e a APRENDIZAGEM nunca pode ser equacionada, estudada ou verificada fora da interação entre estes três elementos.

Se nos fixamos por um momento na figura 1. poderemos apreciar o posicionamento dos três elementos em presença num processo de APRENDIZAGEM, assim como identificar o único trajeto suscetível de o corporizar:

- I. os elementos são o professor / formador, o aprendente e o NOVO;
- II. o papel do professor / formador consiste em atrair e facilitar a caminhada ao aprendente;
- III. o trajeto único é o da caminhada do aprendente em direção à apropriação do NOVO.

Mas há mais !

Uma caminhada de APRENDIZAGEM não começa do zero ! Começa do SIM !

Neste texto vamos trabalhar os 5 SIM's da APRENDIZAGEM !

Como poderemos apreciar a partir da figura 1, numa abordagem mais detalhada, o movimento da APRENDIZAGEM é o indicado pela seta presente na figura 2.

Assumir este movimento implica não prescindir de um conjunto de princípios que, não vá o esquecimento tomar conta deles..., deixo aqui em destaque:

- ☛ é preciso ter os aprendentes presentes e mobilizados para se poder dar início a qualquer processo de APRENDIZAGEM;
- ☛ quem caminha, progride, avança... é o aprendente;
- ☛ cabe ao professor / formador alimentar a sede de subida por parte dos aprendentes;
- ☛ a APRENDIZAGEM é um ato idiossincrático e da responsabilidade do aprendente;
- ☛ o professor / formador trabalha para a autonomia do aprendente, tornando-se, nesse preciso momento, prescindível.

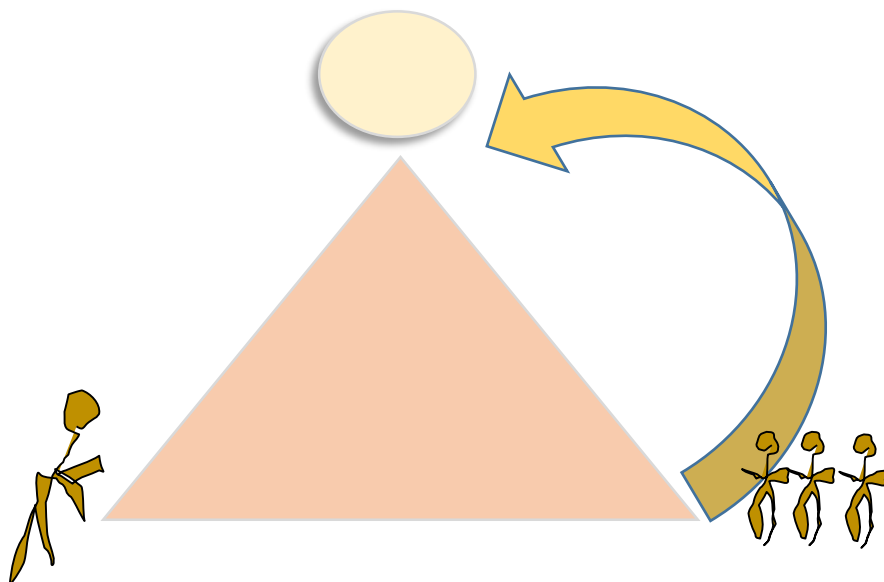


figura 2.

Só que a figura, tal como está desenhada, induz-nos num erro de cálculo frequente que precisamos de erradicar.

Como atrás se dizia, a APRENDIZAGEM não começa do zero !

Portanto, o foco inicial de abordagem do professor / formador é o aprendente e este, qualquer que seja a situação ou o momento, nunca aparece no momento zero. Quando entra em cena...já traz vida consigo !

E, se traz vida consigo, inevitavelmente traz um património de aprendizagens. Pode tratar-se de coisas que não constem, literalmente, de qualquer programa ou disciplina. Mas, seguramente, é algo fundamental para a vida que viveu até ao momento.

O aprendente, quando inicia qualquer processo estruturado de aprendizagem, seja no âmbito da escolaridade, seja numa ação de formação ou numa qualquer situação de vida, traz já consigo um circuito de aprendizagem que foi acionando desde que nasceu. Este circuito é a *palavra - passe* para todo o tipo de novas aprendizagens.

Assim, quando o professor / formador diz que tem que começar o seu trabalho formativo a partir dos conceitos, definições ou explicações de base, eufemismo para dizer...do zero, está desfocado ou a bater à porta errada. Aquela que não abre. Ou então, não sei se pior ainda..., está a olhar para o zero do programa, como quem olha para a aprendizagem como se fosse uma régua que mede os centímetros que tem, não os que a grandeza que se pretende medir apresenta.

A porta de entrada da aprendizagem do aprendente é esse circuito que ele já traz, esse património que, escondido na pessoa, permite a ligação com o NOVO.

E o processo de A_____PRENDER é exatamente isso:

- ligar o NOVO A_____PRENDER ao que já se tem (sabe).

Então, precisamos de retocar a figura 2, adotando uma formato mais real e mais preciso.

O aprendente, quando chega à situação de aprendizagem, traz já um triângulo consigo cujos vértices têm nome:

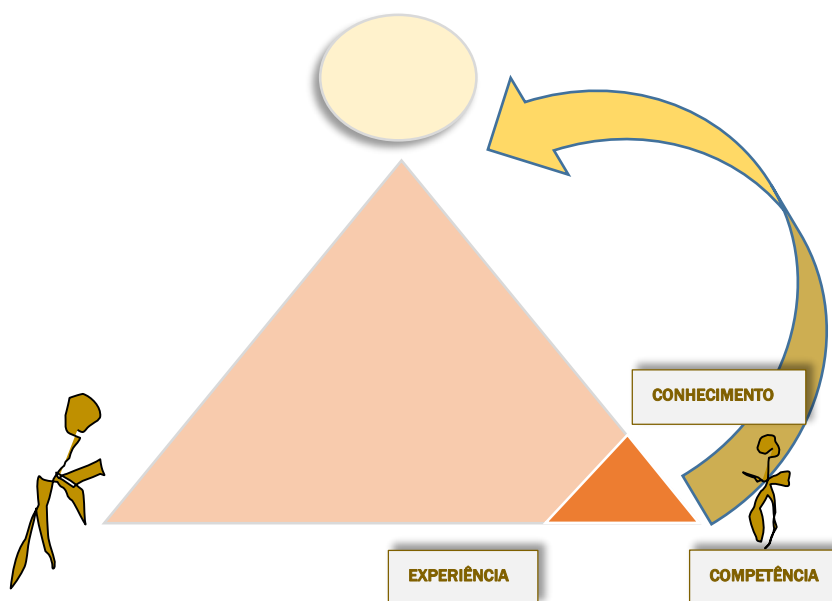


figura 3.

Chegamos, deste modo, à evidência de que o zero não é válido na aprendizagem. A primeira investida do professor / formador não pode deixar de ser a mobilização daquilo que será, caso haja talento por parte de quem conduz o processo, a já referida *palavra - passe* de acesso ao mundo do aprendente.

A porta de entrada não se abre sem um SIM !

E este SIM, o primeiro dos cinco..., só será arrancado ao aprendente se o professor / formador tiver o condão de o confrontar com aquilo que ele já experienciou.

Começa, pois, a aprendizagem pela apresentação de algo a que o aprendente responda, de forma natural, espontânea e entusiasta..., com um SIM !, conheço !..., já vi !..., é - me familiar !

Estamos perante o SIM inicial !

A palavra – passe para a caminhada formativa !

É impossível pensar numa caminhada formativa, necessariamente a percorrer pelo indivíduo que aprende, nunca pelo que ensina..., sem que a pessoa esteja presente, mobilizada, envolvida ! Lembras-te dos princípios referidos na página 1 ? Se quiseres dar uma espreitadela, ainda lá estão....

Este primeiro SIM é de reconhecimento, mas também de presença ativa conseguido através de uma ligação simples e natural.

A aposta é, justamente, na promoção daquilo que é familiar ao aprendente, levando-o a sentir-se confortável, à vontade e incluído no processo.

E a melhor forma de o conseguir, com garantias de que não começamos no singular, a puxar sozinhos...é lançar mão das pontes:

- **fazer uma ligação entre o alvo da aprendizagem e a experiência do aprendente !**

Se reparares na figura 3. a experiência do aprendente (o que ele já viu, com toda a certeza..., já ouviu, já presenciou, já encontrou na RUA...) é a zona de proximidade com o professor / formador. O que está mais à mão !

Então..., porque não dar a mão ao que está mais à mão ?

E...dar a mão a alguém é a condição mais natural, simples e rápida de passar de só a acompanhado, aspeto imprescindível na aprendizagem.

O que há a fazer é lançar uns pequenos desafios que, com toda a certeza, vão ao encontro daquilo que o aprendente já viu e conhece..., nem que seja apenas de nome.

É aqui que entra a ESCOLA PARALELA (Agostinho da Silva), a escola de rua, o dia a dia, os jornais, a televisão, o filme que está a passar....enfim, tanta coisa que podemos acionar para que o aprendente, garantidamente, vá dizer...SIM !, conheço, já ouvi falar, já vi !

Claro que os desafios a lançar ao aprendente são criteriosamente escolhidos em função do potencial de ligação que o professor / formador já identificou em relação ao NOVO, ao que pretende que ele aprenda.

A aprendizagem não se dá fora de um contexto de relação o que a coloca como plataforma incontornável de acesso.

Já pensaste nas pontes que podes acionar, nesta perspetiva de mobilizar a relação, como plataforma de acesso à aprendizagem, por exemplo se queres trabalhar as frações ? Ou o princípio da gravidade ? Ou a inflação ?

Já reparaste na quantidade de coisas que, do dia a dia, da vida...,sem que lhe coloques os conceitos à cabeça, poderás trazer para a mesa e que, de certeza, os teus aprendentes já presenciaram e, de pronto, te dirão que já viram, que conhecem e que, ao teu desafio, responderão que... SIM ?

Mas..., poderás perguntar, ainda com a tua desconfiança em alta..., e se for algo mais difícil..., mais abstrato ?

Alguém dizia, com profundidade, que chamamos difícil àquilo que ainda não fazemos (Séneca) !

Já reparaste que, por exemplo, no potencial de ligação que as batidas de uma claque de apolo apresenta para trabalhar as sílabas de uma palavra ?

E o balanço do RAP ?

Já imaginaste do que poderás beneficiar, em termos de participação espontânea dos teus aprendentes, de uma banal lista de compras de supermercado para chegares ao conceito de atividades e ao orçamento ?

E de como podes utilizar as cláusulas de rescisão de um contrato de um futebolista para trabalhares os contratos de trabalho ? E como podes aproveitar os espelhos retrovisores dos automóveis para trabalhares os diferentes tipos de lentes ?

É um mundo !..., podes dizer.

Mas não ! É apenas o mundo. A vida !

E não é a vida que anda atrás da ciência. É a ciência que anda atrás da vida !

Concluído com sucesso o 1º SIM..., vamos avançar para o passo seguinte. Já temos o aprendente connosco, envolvido, confortável por estar num caminho que conhece e manobra com um certo à vontade, não sentindo em momento algum a ameaça do desconhecido e o ser confrontado com algo perante o qual só lhe resta ficar calado..., sob pena de fazer má figura. Está na hora de fazer entrar o CIM !

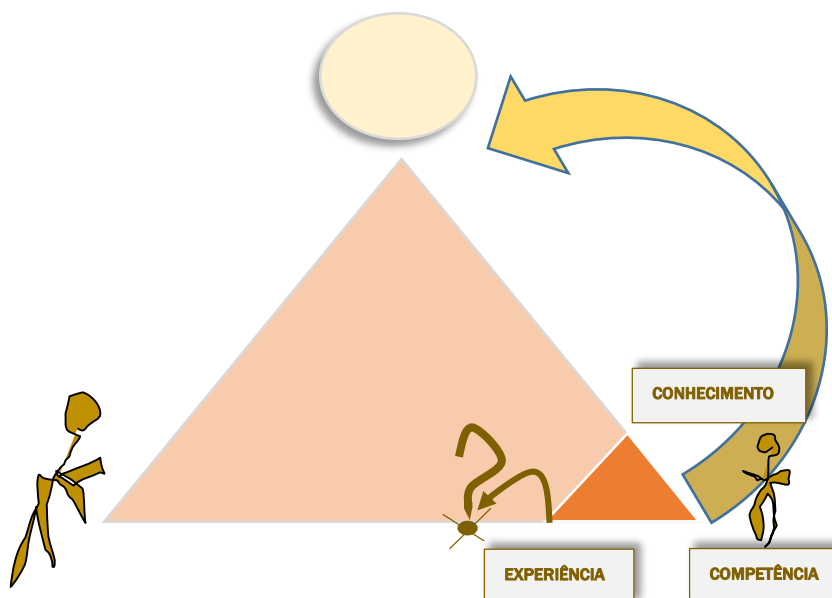


figura 4.

A partir do capital conquistado no primeiro momento, já com o aprendente presente e mobilizado, e mantendo-o dentro do contexto de conforto a que ele tão bem reagiu com um SIM..., é a nossa vez de entrar com um outro CIM:

- a CRIAÇÃO DE INFELICIDADE MOMENTÂNEA

Seguindo a caminhada já iniciada, cabe ao professor / formador desafiar o aprendente para situações que, na linha do que ele conhece, se afastam da sua zona de domínio, mas mantendo-o na sua zona declarada de interesse. É nestas alturas que as questões... E se ... ? encontram o seu palco de excelência.

Já alguma vez viu a sua cara ?

Que pergunta disparatada ! Basta olhar para um espelho e...pronto !

Essa não me convence. Será que vê mesmo a sua cara ao espelho ?

Então vamos fazer a experiência...

Pode pegar numa folha e escrever nela, por exemplo, o seu nome próprio, com boa letra, que se leia bem. Já está ? Então agora se virar para o espelho nota alguma diferença entre o que lê lá e o que escreveu na folha ?

(excerto, com arranjos, do livro Física no dia a dia, do Prof. Rómulo de Carvalho)

O CIM é uma prática de desafio que, valendo-se do capital de envolvimento conquistado na primeira fase (SIM), eleva a fasquia, puxa a corda..., dá o salto para zonas onde o aprendente ou ainda não entrou...ou ainda não se movimenta com à vontade.

Mas não poderá ser um obstáculo ? Um momento em que se pode perder, num ápice, tudo quanto tínhamos conquistado ?

É ! Como quem manobra uma tesoura. Podemos sempre perfurar um olho com ela, mas não é para isso, na maior parte das vezes, que a vamos utilizar.

Se seguirmos o movimento indicado na figura 4. o que se segue ao capital conquistado no primeiro momento de reconhecimento e envolvimento (SIM) é a colocação de um desafio que, vindo na sequência da dinâmica instalada e mantendo a confiança e a presença motivada, remeta o aprendente para um salto de raciocínio que conjuga a vontade de arriscar (pela similitude das situações) e a dúvida de acertar (pela novidade da situação agora colocada).

Esta duplicidade de sensações, uma a puxar, outra a atrasar..., é o grande móbil da Instalação / criação da tal Infelicidade momentânea (CIM).

Trata-se de um estado em que a emoção ganha força, mas uma força mobilizadora que “ cola “ o aprendente ao processo e o amarra à aprendizagem.

Quando este passo é bem feito surge uma rotação interessante que não posso deixar de sublinhar, funcionando igualmente como indicador por excelência da aprendizagem:

- é o aprendente quem toma a iniciativa, fazendo perguntas, ensaiando..., sempre à espera da presença reguladora do professor / formador.

Este momento é crucial para a aprendizagem.

É o início da prática do aprendente, em registo de prática assistida, e é nesta altura que a motivação intrínseca (Daniel Goleman) começa a ferver.

O aparecimento das questões, da prática ainda titubeante, dos ensaios, das pequenas conquistas, mas também da grande abertura e predisposição para incorporações corretivas..., constituem, no conjunto, um poderoso naipe de indicadores de que a aprendizagem está em curso.

O papel esperado para o professor / formador, neste momento, é o de “ puxar a corda “, garantindo e reforçando a motivação já conquistada.

Mas também é o de reforçar as iniciativas do aprendente, os sucessos intermédios, as vitórias de apropriação e o esforço do aprendente.

Ora, tal abordagem, permite a colagem e passagem da 2ª para a 3ª fase.

Entra o IES !

Na sonoridade... não deixa de ser mais um SIM, agora com tonalidades saxónicas.

Com a sigla IES pretendo enfatizar o valor de uma mola, um combustível...

verdadeiramente imprescindíveis na aprendizagem:

- a EMOÇÃO !

Com o IES (INJEÇÃO DE EMOÇÃO SEDUTORA) pretendo dar destaque à ressonância, às batidas, aos arrepios.

Chamam à EMOÇÃO a cola da aprendizagem.

No entanto, não pode ser uma emoção qualquer. Trata-se da EMOÇÃO SEDUTORA !

Justamente aquela que nos arrebatava, nos incita, nos faz rebentar o fogo de artifício interno que só o brilho dos olhos atrai.

É pois com este movimento, que vai ganhando força na confluência das emoções geradas de fora para dentro (elogios, incitamentos, proximidade) com as geradas de dentro para fora (endorfinas / briga das catecolaminas) que o aprendente atinge a velocidade de cruzeiro na caminhada da aprendizagem.

E uma vez em andamento, só falta trabalhar o acabamento !

Está na hora de entrada do 4º SIM, este mantendo a sonoridade saxónica, mas mais sincopado:

- o IA (INCORPORAÇÃO POR APROPRIAÇÃO).

Só sei que aprendi depois de fazer.

É uma verdade, tantas vezes escondida, tantas vezes atropelada e, sempre, presente, em presença efetiva ou pairando.

A aprendizagem consuma-se no desempenho do aprendente. Como tal, é indissociável da prática. Do aprendente !
 Não é raro, e é pena, para além de um desperdício e um erro crasso de muitos processos de aprendizagem, desvalorizar esta vertente.
 O exercício da prática é incontornável na aprendizagem.
 Como temos vindo a seguir, pela linha que este texto adotou, desde os primeiros momentos da caminhada é o aprendente quem caminha.
 Aos poucos, a partir de desafios, da injeção da emoção sedutora, estamos a incluir no processo uma componente de AÇÃO que é colocada como degraus de uma escada para facilitar a subida do aprendente até à meta final.
 Lançando mão, mais uma vez, da figura que nos tem servido de mapa nesta viagem, poderíamos vê-la da seguinte forma:

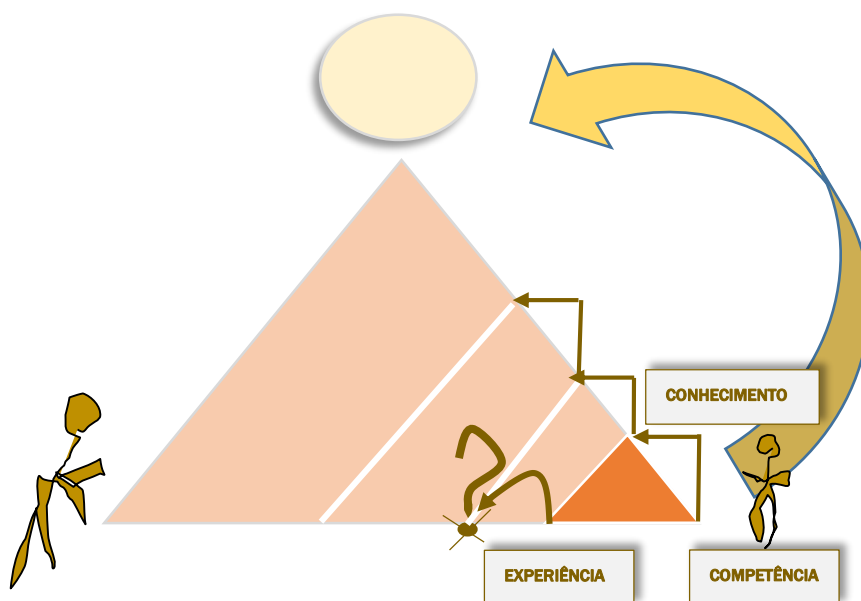



figura 4.

As investidas do professor / formador, em termos de potenciação da aprendizagem, devem obedecer a um plano diretor de intervenção, um trajeto definido com pontos de controlo estipulados:

- i. ir ao encontro da EXPERIÊNCIA do aprendente (ponto de maior proximidade entre professor / formador e aprendente);
- ii. colocar desafio fora da experiência do aprendente, mantendo a zona de interesse instalado (seta castanha para o ponto de Interrogação);
- iii. colocar o aprendente em AÇÃO (prática assistida, depois, prática autónoma);
- iv. reforçar os avanços e movimentos do aprendente (emoção sedutora);
- v. regular os desempenhos inculcando confiança.

Todo este esquema, numa apresentação mais formal, abstrata e concetual é a base para a definição de objetivos gerais (), de objetivos específicos (as escadas) e da inclusão da taxonomia dos objetivos... .. traduzida na ordem, sequência e precedência como são colocados os objetivos específicos na caminhada da aprendizagem.

Ora, convém lembrar... que quando falamos de objetivos estamos a falar de ações, entendendo por ações tudo aquilo que responde afirmativamente aos seguintes critérios;

- i. tudo o que se faz;
- ii. o que se vê...de fora;
- iii. o que é facilmente avaliável !

Vamos pensar numa situação que, decerto já experimentaste ou, pelo menos, presenciaste, em que uma pessoa nos pergunta, por exemplo, como se faz determinada coisa que ela não sabe e quer aprender.

Claro que, normalmente, são-nos apresentadas duas vias pela frente:

- i. a mais fácil, que consiste em explicar os diferentes passos, sendo nós a fazê-los e mantendo a pessoa a observar, espantada com a nossa perícia;
- ii. a outra, que consiste em desafiar a pessoa para ir fazendo, pelas suas mãos..., e nós, sem mexer em coisa nenhuma, apenas a constatar as conquistas e, por fim, o resultado a que a pessoa chega.

Perante estes dois cenários, seja para fazer uma manobra de inversão de marcha num automóvel, seja para inserir uma tabela num texto, seja para calcular o valor final de uma aplicação da regra de três simples..., o momento final é acompanhado por um ruído característico que distingue, radicalmente, os dois processos colocados em prática. Sabes a que ruído me refiro ? Nunca o ouviste ?

Enquanto pensas no ruído a que me refiro, aproveito a oportunidade para distinguir os dois processos acima enunciados.

No primeiro caso estamos perante o ensino.

No segundo, estamos perante a APRENDIZAGEM !

E que diferença !

A começar pela sensação do aprendente e do tal ruído que ele produz. Mas..., só nos casos de APRENDIZAGEM !

Quando colocamos o aprendente a assistir à nossa perícia ou à nossa fluida e consistente explicação..., estamos a inverter o processo em três aspetos fatais:

- i. transformamos o sujeito da aprendizagem em assistente passivo;
- ii. transformamos a ação em contemplação;
- iii. fazemos fé que se aprende como se diz que se emprenha: de ouvido.

Quando levamos alguém a chegar, pelas suas próprias mãos, a um resultado, se é que já descobriste o tal som que ecoa de forma tão natural como espontânea, estamos na 5ª fase do processo:



► o AH !!!!

É muito interessante ! E significativo !

Este barulhinho que todos fazemos..., quando somos nós a chegar aos resultados, é o equivalente ao barulho que faz o trinco de uma porta que nós empurrámos e que nos garante que se acabou de fechar.

Este AH !!!! é o som da ligação de mais elevada ordem. A do CONHECIMENTO !

É quando “ fechamos “ o processo.

Quando explicitamos a compreensão do que fizemos e revelamos, a nós próprios e aos outros, que não só fazemos (COMPETÊNCIA), como somos capazes de reproduzir a qualquer momento (EXPERIÊNCIA) e sabemos explicar e como as coisas funcionam (CONHECIMENTO).

Trata-se do vértice superior do triângulo.

E para que o triângulo tenha consistência e não caia, precisa de base sólida.

Se reparares na figura que nos tem alimentado o raciocínio, mormente a versão 4, podes verificar que a base da aprendizagem é a EXPERIÊNCIA do aprendente, a COMPETÊNCIA e..., depois de feitas as ligações superiores, então acedemos ao CONHECIMENTO.

AH !!!!!

Quando fazemos isto pelo lado errado, quando enfardamos os aprendentes com conceitos, definições, princípios..., quando trocamos a aprendizagem pelo ensino..., apostamos na parte concetual no engano de estarmos a injetar conhecimento. Acontece que o CONHECIMENTO não é informação ! Seria redutor.

E confundir estas duas coisas é como confundir o prato com a comida ou, pior ainda, procurar uma ementa de restaurante para saciar a fome.

Muitas vezes, e as razões para se apostar nesta opção são inúmeras e não cabe aqui enumerá-las..., os professores / formadores investem nas definições e conceitos como porta de entrada para a compreensão dos seus aprendentes. E até chegam a afirmar, de pés juntos, que no final eles entendem.

Nada a dizer !

Eles decoram ! E até são capazes de debitar a definição, o tal conceito, tal e qual lhes foi passado. Mas...estaremos a falar de conhecimento ?..., ou de informação cristalizada ?

As abordagens tradicionais, a que também podemos chamar incompetentes..., apostam no upgrade de informação.

A seta, ao invés do desafio para a prática a partir da experiência e competência do aprendente, focaliza na definição, no conceito.

Claro que o aprendente até pode ir progredindo no armazenamento desses conceitos e definições mas, simultaneamente, vai aumentando o desequilíbrio da sua participação no processo, como se poderá verificar na figura 5.

O que vai aumentando é a informação, não permitindo contrapartidas de sentido e verificação, por parte do aprendente. É que para o aprendente, o sentido, a apropriação, vai buscar-se à prática, ao experienciar, ao ligar e ao constatar na vida e no dia a dia.

Pode dar-se o caso, frequente aliás, de termos uma pessoa que “ sabe muito “ mas que não liga. Não encontra na vida, porque não lhe foi proporcionado tal itinerário, nas perguntas mais banais, campo de aplicação para as definições e conceitos que armazenou.

Ora..., quando o triângulo evolui como sugere a figura 5, às tantas, cai !

No que nos interessa, o cair do triângulo equivale ao esquecimento !

E, já agora..., não deixa de ser curiosa a expressão popular que tantas vezes ouvimos para definir alguém que revela Imperícia ou Inibição para o desempenho:

- *faltam-lhe as bases !*

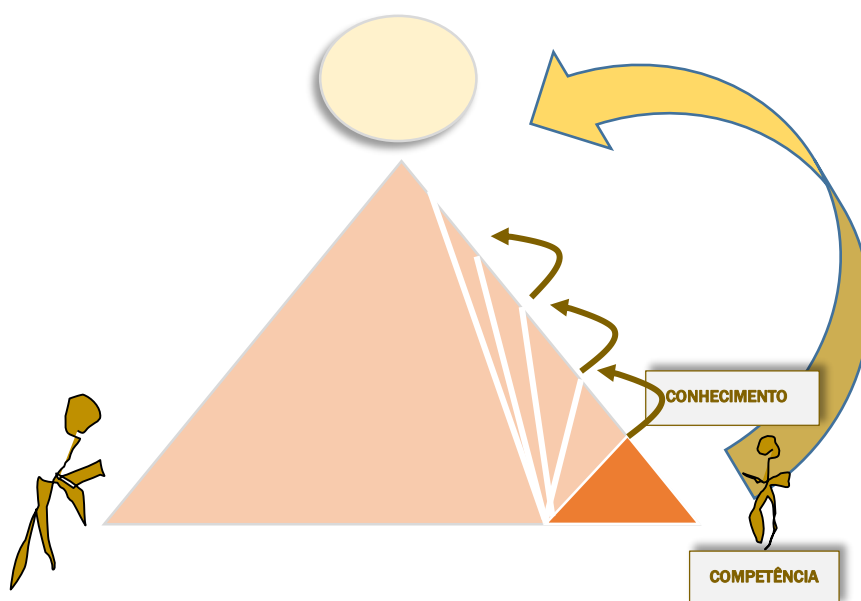


figura 5.

Como síntese final deste pequeno texto que pretende, de uma forma descomprometida, simples, alegórica e intencional, enfatizar o trabalho e a intervenção do professor / formador para que o aprendente aprenda, podemos fixar os 5 SIM's como marca de fundo:



1. SIM

primeiro passo que consiste em envolver e mobilizar o aprendente.
Trata-se de um pré requisito. E incontornável !
Não podemos levar a aprender quem lá não está !
Um dos livros mais recentes publicados sobre educação tinha este título sugestivo:
- O difícil é sentá-los !
E, curiosamente, foi escrito por um ex – ministro da educação !
Promover o SIM é fazer do arranque dos processos de aprendizagem um cenário onde os aprendentes se revejam, se sintam confortáveis e possam dizer...SIM !..., conheço !..., já vi..., ainda ontem....



2. CIM

aproveitando o capital conquistado no primeiro momento e tendo-os “ sentados “ , presentes e participantes, é a hora do desafio.
E se ? E nos casos em que... ? E se em vez de ... ?
Com este passo estamos a reforçar o envolvimento, agora com desafio, com a inserção da dúvida produtiva com a vantagem de termos as pessoas presentes e a participar no processo...que é delas.



3. IES

consiste na produção, intensificação e manutenção de uma dinâmica emocional. Para os ensaios como para os resultados...conseguidos pelo aprendente.
A proximidade (com “ as mãos algemadas “...para não haver a tentação de fazer a caminhada que é do aprendente...), os reforços, a valorização das conquistas... tudo isto é a INJEÇÃO DE EMOÇÃO SEDUTORA.



4. IA

é fazendo que o aprendente comprova que aprendeu e o professor / formador pode dar por concluído o processo.
Ora, quando se faz, quando se pratica, indo da prática assistida (coaching) para prática autónoma (prescindibilidade do professor / formador) dá-se uma INCORPORAÇÃO POR APROPRIAÇÃO.
O aprendente não só FAZ, como o que faz... FAZ SENTIDO e, acima de tudo, já FAZ SEM TI !
A aprendizagem é uma caminhada para a autonomia saborosa. Nesta altura, já é o aprendente que se motiva a si próprio !



5. AH !!!

É a chegada consistente. A fase em que a informação, a competência e a repetição progressiva, sempre com ganhos de eficiência e eficácia naquilo que se aprendeu e agora já se faz..., se articulam em registo harmonioso e produtivo.
E é aqui que o aprendente solta o grito, já não o de lpiranga, que esse é de outras estórias..., mas o de validação interna que o entusiasma e o empurra para outras caminhadas.

Nota: Tudo quanto acabaste de ler nenhum valor tem.
Sobretudo se o mantiveres como texto de leitura. E mesmo que gostes do que acabaste de ler.
O desafio é para que traduzas o que leste na tua prática de trabalho. E, sinceramente, que combatas, com todas as tuas forças, tudo quanto acabaste de ler.
E se, algum dia, chegares à conclusão que o que uma vez leste, embora já não te lembrando onde foi, faz sentido..., esse sentido é teu. Nunca do que, uma vez, leste.

ago, 2015